

COMPLEMENTOS VERBAIS *VERSUS* ADJUNTOS

ADVERBIAIS: UMA QUESTÃO DE ORDEM

Shanna Lauda Ferreira da Silva (Autora)
Sérgio Menuzzi (Orientador)¹

Resumo: Este artigo trata da distinção entre Complementos Verbais e Adjuntos Adverbiais e sua influência no uso de Ordem Indireta no discurso do Português Brasileiro. Para tanto, o trabalho parte da observação de aspectos concernentes à ordem das orações para, em seguida, fazer um levantamento de diferentes olhares sobre a distinção entre as categorias analisadas, chegando, finalmente, à adoção de um desses olhares sobre a distinção e à avaliação da interferência desta distinção na ordem destes termos nas orações. Este caminho serve como base para a apresentação de um estudo quantitativo feito com textos extraídos de livro didático e para a proposta pedagógica que é ao final lançada, também apoiada nos mesmo textos analisados.

Palavras-chave: Complementos Verbais; Adjuntos Adverbiais; Ordem Indireta.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo avaliar o uso das categorias gramaticais dos complementos verbais e dos adjuntos adverbiais em ordem direta e indireta no Português Brasileiro e sua influência na leitura e interpretação de textos no nível da educação básica.

Para tanto, o trabalho partirá de uma distinção entre as ordens direta e indireta na estrutura das orações, descrevendo suas funções discursivas em nível textual. Os

¹ Professor da 5ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

trabalhos de Koch (2010) e de Roisenberg (2007) serão considerados nesta análise sobre o tema da ordenação de constituintes.

A seção seguinte fundamentará a distinção entre complementos verbais e adjuntos adverbiais - bem como as semelhanças que colocam à prova esta tarefa. Os trabalhos de Caçado (2010) e de Pinto (2007), além das gramáticas de Rocha Lima (1985), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Castilho (2010), darão base a esta parte do artigo. Também será considerado o quanto a distinção entre as duas categorias influencia na escolha entre ordem direta e indireta na organização textual.

A seguir será descrito o estudo quantitativo, realizado a partir do uso das estruturas em questão nos textos selecionados como parte do corpus. Além disso, se fará uma análise da aplicação pedagógica destes textos para fins de leitura e interpretação destas estruturas por alunos de sétima série do ensino fundamental.

Por fim, nas considerações finais serão expostas as conclusões acerca da relação entre as ordens direta e indireta e a categorização de complementos verbais e adjuntos adverbiais serão apresentadas.

1. FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS ORDENS DIRETA E INDIRETA

No Português Brasileiro, assim como em outras línguas, existem várias possibilidades de organização e ordenação de elementos nas sentenças. As diferentes categorias sintáticas que se estabelecem como termos da oração, tanto essenciais, como integrantes e acessórios, podem se apresentar em diferentes posições dentro do período, apresentando a mobilidade característica de nossa língua.

Apesar desta relativa mobilidade, não podemos deixar de mencionar a ordem canônica de organização dos termos como sendo de Sujeito – Verbo – Complementos, a ordem SVO, ou Ordem Direta. Ao chamá-la de “direta”, já indicamos a sua predominância e preferência na estruturação das sentenças.

A Ordem Direta é mais usual por ter correspondência com a distribuição das categorias informacionais vinculadas ao Sujeito e ao Predicado. Estas categorias são também chamadas de tópico e comentário na perspectiva funcionalista de análise linguística. Vistos desta perspectiva, tópico e comentário já fazem transparecer em suas denominações as funções que possuem na frase e o papel da Ordem Direta no discurso.

O sujeito, visto como tópico da oração, tem a função de ser responsável principal pelo estabelecimento do tema do discurso, costurando o texto e trazendo as informações já dadas para que as frases se liguem de forma coesiva, ou seja, é ele um dos principais responsáveis pelo encadeamento textual.

Já o predicado, ou comentário, vai veicular as informações novas da oração, fazendo asserções sobre o tópico – normalmente, o sujeito. Além disso, ele tem o papel de introduzir no texto conteúdos que poderão ser posteriormente tomados como tópicos de sentenças posteriores, também colaborando para a estruturação coesiva do texto, como mostrado por Koch em sua seção sobre Progressão Temática (2010, p. 63). Vejamos um exemplo de progressão do tipo linear exposto pela autora:

A “Eneida” é um poema épico. Os poemas épicos contêm longas narrativas. Tais narrativas incluem sempre elementos convencionais. Um deles é a figura do herói. O herói representa os ideais de uma nação. (Idem, p. 64)

Vemos no exemplo que as informações novas que se encontravam no predicado são retomadas pela posição de sujeito da oração seguinte, com isso tornando-se o tópico, ou o "assunto", desta oração. Assim, a informação nova do predicado passa a ser sinalizada, na oração seguinte, como "informação dada saliente", adquirindo um papel importante na progressão textual.

Porque é o padrão típico para expressar a estrutura "Tópico-Comentário", a Ordem Direta se estabelece como preferencial na criação das sentenças, sendo um dos principais instrumentos da sintaxe na contribuição desta para a organização textual. Mas nem por isso deixamos de encontrar textos que utilizam sentenças em Ordem Indireta.

Elas se caracterizam através do deslocamento de algum elemento da estrutura oracional, escapando da ordenação canônica SVO.

Mas este tipo de deslocamento não acontece gratuitamente. O ato comunicativo se torna diferenciado quando o autor das sentenças faz uso da Ordem Indireta, veiculando uma intencionalidade diferente daquela que a Ordem Direta daria conta.

Em geral, o que se nota nas estruturas de Ordem Indireta é que há o objetivo de realçar um determinado termo da oração, dando a ele maior ênfase. No caso dos termos em foco neste trabalho, quando há a antecipação do complemento verbal, seja ele um objeto direto ou indireto do verbo nuclear do predicado, ou quando há o deslocamento de um adjunto adverbial à esquerda, se destaca o elemento que está deslocado e que vem a ocupar posição inicial da oração. Desta maneira, um elemento que na ordem direta faz parte do predicado e, como mencionado acima, se trata a princípio de informação nova, passa a ocupar a posição inicial que caberia ao sujeito marcador do tópico da sentença.

Vejamos como este deslocamento acontece em alguns exemplos:

- (1) O doce, a Maria comeu.
- (2) Para a Joana, ele deu flores.
- (3) Ontem, choveu muito em minha cidade.

Em cada um dos exemplos, vemos um dos termos que estão sendo analisados deslocados para a posição inicial da oração – (1) objeto direto, (2) objeto indireto e (3) adjunto adverbial.

O que podemos observar instintivamente, com a frase isolada, é que o termo que foi deslocado está sendo realçado na posição em que se encontra, ganhando maior destaque. A impressão que se tem, com a leitura destas orações, em especial as duas primeiras, é que os termos deslocados estão apontando um determinado complemento ou adjunto em detrimento de outro que pudesse ser entendido em seu lugar – um efeito de “contraste” com um termo alternativo.

No exemplo (1), a impressão é de que se destaca que foi *o doce* e não outra coisa que a Maria comeu; na oração (2), que foi *para a Joana*, e não para a Maria, por

exemplo, que ele deu as flores; e na sentença (3), é possível pensar que *ontem* está destacando quando choveu para que não haja confusão com relação a outras expressões temporais possíveis de ocupar a categoria de adjunto adverbial.

Assim, temos a impressão que a informação veiculada por estas estruturas deslocadas não são tão “novas” quanto se estivessem em Ordem Direta. Elas são como estruturas “retificadoras” ou “precisadoras” de uma informação já conhecida, confirmando ou não o nível informacional do receptor. O deslocamento com essa característica é chamado por diversos autores de Topicalização Contrastiva; maiores detalhes sobre o assunto podem ser encontrados em Givón (1993) e Roisenberg (2007). Este último menciona, inclusive, as consequências entoacionais do uso de tais deslocamentos, tema que não será explorado neste artigo por estar fora do foco nos textos escritos, assumido por este trabalho.

Para nosso fim, é importante mencionar duas construções de ordem indireta e as diferenças entre elas: a Topicalização Contrastiva (TC), acima citada, e o Deslocamento-à-esquerda (DE). Ambas são responsáveis pela colocação das categorias gramaticais que estamos estudando fora de sua posição canônica na oração. Porém, há algumas diferenças entre as duas, como apontado por Roisenberg (2007).

No âmbito formal, a característica mais importante para distinção das duas construções é o uso da vírgula em situações de DE e a tendência à ausência dela em casos de TC (o que é expressão de uma diferença entoacional, discutida por Roisenberg, 2007). Já no âmbito funcional, a distinção vai influir fortemente na coesão textual e na progressão temática.

A TC tem a função de dar continuidade ao tema que está sendo desenvolvido, trazendo o foco para um elemento que faz parte do predicado, a fim de contrastá-lo com outros elementos textuais anteriores que são, assim, retomados como novos temas. Desta maneira é garantida a manutenção do tema em andamento no texto, como no exemplo abaixo (de Roisenberg 2007, p. 24).

(4) A Maria tem dois irmãos, o João e o Pedro. Ela gosta muito do João. O Pedro ela detesta.

Já o DE tem o papel de fornecer informações de orientação para o texto, seja de cenário ou de sinalização do início de um novo segmento textual, ancorando informações novas que serão veiculadas. Assim, o DE garante a organização das unidades temáticas internas ao texto, funcionando bem, por exemplo, como abertura de parágrafos a fim de estabelecer a progressão temática ao longo do texto. Abaixo apresentamos um exemplo (também de Roisenberg 2007, p. 23).

- (5) ... Assim, o rei partiu para uma cruzada fadada ao fracasso, deixando a rainha por si, sem recursos, em um castelo dilapidado. Ela teria que tomar conta do Reino, das crianças e dos velhos, e da população mais pobre e faminta. E ela fez isso de forma esplêndida.

Quanto ao rei, só lhe restou persistir...

Ambas as construções poderão ser observadas em nossa última seção, onde faremos um estudo quantitativo de complementos e adjuntos em construções com TC e com DE. Apesar de não termos como foco a distinção entre estes tipos de construção, levantamos a hipótese de que o deslocamento de complementos e adjuntos possa ter algum tipo de relação com a diferenciação entre DE e TC e que essa relação possa influir na organização textual. Em particular, por razões que discutiremos abaixo, acreditamos que complementos, quando deslocados, ocorrerão mais em contextos de TC.

Por fim, o fundamental para nossa análise com relação ao papel da Ordem Indireta no discurso é que:

“(a) o português conta com uma ordem de palavras “típica” nas orações, que corresponde à sequência SVO; (b) orações que “violam” esta ordem servem, via de regra, para “ênfatizar” certos termos da oração; (c) as expressões colocadas no princípio das orações são, em geral, “importantes” para o locutor (...)” (Roisenberg, 2007, p.12).

Essa observação nos mostra que, seja qual for o tipo de deslocamento ou de termo

deslocado, o que importa é a consequência que ele traz para o discurso e a intenção de ênfase de determinados elementos oracionais. Também é importante sempre lembrar o reflexo que a Ordem Indireta terá na coesão e na estruturação textual, como a retomada de elementos distantes no texto e a marcação sequencial e temporal dos acontecimentos - no caso dos adjuntos.

2. COMPLEMENTOS VERBAIS X ADJUNTOS ADVERBIAIS

2.1 Os olhares sobre a distinção

As categorias gramaticais que serviram como tópico de análise deste artigo, os complementos verbais e adjuntos adverbiais, são alvos de uma grande discussão acerca dos limites entre uma e outra categoria quando de suas definições. Por se tratarem de duas categorias relacionadas ao núcleo do predicado, o verbo, elas acabam tendo funções semelhantes em alguns aspectos, o que dificulta distinção entre elas - especialmente entre o objeto indireto e o adjunto adverbial, por serem ambos termos preposicionados.

Assim, as abordagens de diferentes linguistas e gramáticos sobre o assunto divergem bastante com relação à definição de cada uma destas categorias e seus limites.

O panorama destas categorias sintáticas nas gramáticas anteriores ao estabelecimento da NGB era bastante confuso, não só no que concerne à definição, mas também com relação à nomenclatura. Um mesmo uso em um dado exemplo de uma das funções sintáticas que a NGB determinou chamar Objetos Diretos, Objetos Indiretos e Adjuntos Adverbiais, recebia nomes diversos, conforme o autor em que se buscava a classificação. Isso complicava ainda mais a distinção entre o que caracteriza cada uma delas.

Após a NGB, este panorama ficou um pouco mais claro, já que ela definiu uma nomenclatura uniforme para o discurso dos especialistas em gramática. Porém, ainda há divergências com relação a essas funções sintáticas, especialmente entre Objetos

Indiretos e Adjuntos Adverbiais.

As definições mais tradicionais e usuais de Complementos Verbais e Adjuntos Adverbiais se baseiam na distinção entre Termos Integrantes e Termos Acessórios das orações. Os complementos fariam parte do primeiro grupo, enquanto que os adjuntos fariam parte do segundo. Cunha e Cintra (2008) utilizam esta distinção ao expor seus conceitos de complementos e adjuntos, mencionando a característica de integração dos complementos ao sentido dos verbos que os regem e o caráter dispensável, para a plenitude do sentido expresso pelo verbo, que possuem os adjuntos, apesar de contribuírem com um dado a mais para oração, precisando o sentido de seu núcleo verbal.

Algumas correntes linguísticas se colocam contra a diferenciação através da divisão entre termos integrantes e acessórios, alegando a relevância de muitos termos circunstanciais para as orações das quais fazem parte. Uma destas correntes é a gramática de valências, abordada por Fabiana Pinto (2007) no segundo capítulo de sua dissertação de mestrado. Ela traça um panorama da visão da gramática de valências sobre a questão dos termos da oração, mostrando que, para esta corrente, todos os termos têm igual valor e não há divisão fundamental entre termos essenciais, integrantes e acessórios.

Para esta gramática, as funções são definidas de acordo com a configuração sintática que cada uma apresenta, como, por exemplo, se o termo é acompanhado por preposição e de que tipo é esta preposição. A regência verbal não é levada em conta a título de classificação, mas acaba sendo relevante para definir a configuração sintática que a oração terá e como serão preenchidos os “espaços vazios” por ela previstos. Os termos que preenchem estes espaços são chamados de "actantes". Esses actantes podem ser tanto os complementos como os adjuntos tradicionais, e incluem até mesmo o próprio sujeito, que também tem, nessa perspectiva, valor semelhante aos demais termos, já que a gramática de valências não trata a oração de maneira bipartida entre sujeito e predicado. Para ela, o verbo é verdadeiramente o centro da frase, e todos os outros elementos fazem parte de frase para servi-lo e complementá-lo.

Outra abordagem que toma o verbo como o verdadeiro centro ao qual se ligam e do qual dependem os demais termos da oração é aquela que vê estes termos como

"argumentais" ou "não argumentais". Como isso indica, esta abordagem, diferentemente da gramática de valências, vê distinção entre os termos, de maneira que acaba voltando à diferenciação entre os termos que são "exigidos" pelo verbo e os termos que são "dispensáveis": as posições preenchidas por "termos argumentais" estão para os termos integrantes (e também os essenciais, pois o sujeito é um termo "argumental", nesta concepção) abordados por Cunha e Cintra (2008, p. 152), assim como as posições não argumentais estão para os termos acessórios apresentados pelos mesmos autores (Idem, p. 163).

Uma das gramáticas brasileiras que apresenta os termos da oração utilizando a categorização em "argumentais" e "não argumentais" é Bechara (2009). Sobre a semelhança entre estas categorias e as de termos integrantes e acessórios o autor diz:

Argumental e não argumental distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos*, ou ainda *integrantes*, dos *adjuntos* ou termos *acessórios*. (p. 412, grifos do autor)

No final das contas, complementos verbais continuam sendo definidos como termos dos quais o verbo necessita, selecionados pela regência do núcleo do predicado verbal, e adjuntos são termos dispensáveis ao sentido do verbo, não sendo por ele selecionados. O problema é que esta distinção apenas entre termos argumentais e não argumentais não é suficiente para dar conta de todos os elementos que compõem a oração e que são distinguidos pela descrição tradicional: os adjuntos são contemplados entre os termos não argumentais, e os complementos figuram na categoria dos argumentais; mas o sujeito também é um termo argumental, ficando indiferenciado em relação aos complementos. É preciso, portanto, ir além da distinção argumental/não argumental, e estabelecer a diferença adicional entre argumentos internos (complementos) e argumento externo (sujeito).

Márcia Cançado (2010) também fala sobre a aproximação do conceito de complementos ao de argumentos. Ela atribui a difusão, entre os linguistas, da categorização em termos argumentais e não argumentais à Gramática Gerativa. Para a

autora, não são apenas os complementos que se caracterizam como argumentos do verbo, já que, para ela, não é apenas a estruturação sintática que deve ser levada em conta na seleção de argumentos, mas também os papéis semânticos.

Segundo ela, muitos verbos preveem em seu sentido outras informações além daquelas expressas por complementos, mas que não necessariamente precisam estar explícitas. Cançado utiliza o verbo *vender* a título de exemplificação, mostrando todos os papéis temáticos e, em consequência, argumentos que podem ser compreendidos pelo sentido deste verbo, que aparecem na frase da autora reproduzida abaixo:

- a. João vendeu aquela casa para Maria por cem mil reais.

Para Cançado, a noção de *valor* está tão prevista pelo verbo *vender* quanto o objeto vendido. Assim, conclui que a distinção entre os argumentos está na hierarquia sintática na qual eles se dispõem, que se dá através da atribuição de casos. Segundo ela, no Português podem ser atribuídos até três casos em uma oração: o nominativo para o sintagma nominal que concorda com o verbo e terá a função sintática de sujeito; o caso acusativo, que será atribuído ao argumento com o segundo papel temático mais proeminente e corresponderá ao primeiro complemento verbal, o objeto direto; e o caso oblíquo, que será atribuído aos demais argumentos não pelo verbo, mas pela preposição que será inserida no caso de haver mais do que dois argumentos.

É na atribuição do caso oblíquo que a autora diz estar a diferença entre complementos e adjuntos. Para ela, os complementos encabeçados por preposição - ou seja, os objetos indiretos da análise tradicional - são argumentos do verbo e, por isso, recebem uma preposição funcional que serve apenas para atribuição do caso oblíquo; já os adjuntos são argumentos da própria preposição, que além de atribuir o caso, atribuirá também o papel temático, sendo assim uma preposição também lexical. Ao contrário da preposição funcional, o sentido da preposição lexical não poderá ser inferido pelo verbo, já que ela não encabeça um argumento verbal. Assim, preposições funcionais seriam aquelas que são estritamente selecionadas pelo verbo e não possuem contribuição própria de significado (por exemplo, *de* em *gostar de*); preposições lexicais são semanticamente autônomas (por exemplo, *em* de lugar versus *por* de trajeto: João passeou *no* parque vs. *pelo* parque).

A proposta de Cançado (2010) é válida por contribuir com a consideração dos papéis semânticos incluídos no sentido de determinados verbos, mas parece não ser sustentável ao tratar da semântica das preposições. É fácil identificar casos correntes em nossa língua de objetos indiretos sintáticos – termos exigidos pelo verbo – com preposições que não são apenas funcionais. Os objetos indiretos indicativos de lugar, por exemplo, podem ser acompanhados de diversas preposições lexicais, como podemos ver nas frases com o verbo *colocar*, tradicionalmente considerado bitransitivo:

(6) O menino *colocou* o brinquedo *na* mesa.

(7) O menino *colocou* o brinquedo *sobre* mesa.

(8) O menino *colocou* o brinquedo *embaixo da* mesa.

(9) O menino *colocou* o brinquedo *atrás da* mesa.

Vista desse modo, a distinção proposta por Cançado (2010) deixa transparecer problemas a serem melhor esclarecidos. A abordagem da autora sobre a distinção mostra-se ainda confusa, até pela dificuldade de se distinguir com clareza o valor da preposição nessa distinção.

Já na gramática de Ataliba Castilho (2010), são mencionadas as três perspectivas abordadas neste artigo – as Gramáticas Tradicional, Gerativa e de Valências - em sua seção sobre o “princípio da projeção”. Castilho enfatiza as similaridades entre estas abordagens, apesar das diferenças terminológicas. Diz ele sobre a questão da transitividade, diretamente relacionada à distinção entre complementos e adjuntos:

Sempre se reconheceu a propriedade das classes predicadoras (verbos, adjetivos, advérbios e preposições) de *exigir / demandar / articular / selecionar / subcategorizar* determinados *termos / actantes / argumentos* que lhes *completam / determinem / especifiquem* o sentido, constituindo juntamente com eles o predicado sentencial. (...) Denomina-se *transitividade* essa propriedade. (p. 262, grifos do autor)

O autor concorda com as diferenciações propostas pelas teorias, mencionando inclusive o fato de complementos serem selecionados pelo verbo, sendo dele um

argumento, enquanto que adjuntos não são selecionados pelo verbo, mas sim pela própria preposição, sendo dela um argumento.

Ele menciona que definir se o termo é selecionado pelo verbo ou pela preposição é muitas vezes problemático - mais um problema a ser apontado na distinção proposta por Cançado (2010) -, mas explora outra característica que para ele é importante na diferenciação das categorias analisadas, característica ainda não mencionada aqui: o teste da pronominalização. Segundo Castilho, complementos podem ser substituídos, no caso dos objetos indiretos, por pronomes como *me*, *te*, *lhe* (ou até mesmo por pronomes retos associados a uma preposição, como *a ele* e *para elas*). Já os adjuntos adverbiais não seriam nunca comutáveis por pronomes pessoais – apenas por advérbios pronominais como *lá*, *então*, *assim*.

O problema da diferenciação através da pronominalização é o mesmo que o da diferenciação através dos tipos de preposição: alguns adjuntos acabam se enquadrando no teste que funcionaria apenas para os complementos. Temos um exemplo de adjunto adverbial pronominalizado nas orações abaixo:

(10) João foi visitar a avó *nas férias*. *Nelas* é que ele tem tempo de viajar.

Com isso vemos que a proposta de Castilho (2010) também não consegue dar conta da distinção que procuramos. O autor tem o mérito, porém, de reunir diversas perspectivas e buscar aquilo que pode ser complementar entre umas e outras. A seguir, apresentamos o conceito que elegemos como o mais adequado para nossa análise, visando aos fins pedagógicos por nós adotados.

2.2 Nosso conceito de Complementos e Adjuntos

Enfim chegamos ao momento em que é preciso definir o conceito de complementos e de adjuntos que iremos assumir como mais adequado à nossa análise. Após passar por diversas teorias, concluímos que todas trazem novas perspectivas para a diferenciação entre as funções de complementos e adjuntos, mas ainda têm alguns problemas a serem resolvidos e algumas ideias a serem amadurecidas.

Ficamos, portanto, com a definição e a diferenciação mais tradicionais, aquelas propostas pela NGB quando da uniformização das nomenclaturas. E para tanto, recorremos a um dos gramáticos brasileiros que fez parte da construção da NGB e que incorporou em seguida as resoluções à sua gramática, Rocha Lima (1985).

Segundo ele,

1. Sendo o verbo a palavra regente por excelência, cumpre proceder sempre à verificação da natureza dos complementos por ele exigidos.
2. O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissos ou incompleto. (p. 307, 1985. Grifo do autor)

Definimos, portanto, complementos verbais como termos integrantes das orações, que são exigidos pelos verbos e indispensáveis para a compreensão do sentido expresso pelo núcleo verbal, compondo assim a unidade semântica compreendida no predicado.

Passemos agora ao que diz Rocha Lima sobre os adjuntos adverbiais: “é o termo que modifica o verbo, exprimindo as particularidades que cercam ou precisam o fato por este indicado.” (p. 227, 1985).

Adjuntos adverbiais são definidos, então, como termos acessórios das orações, que não são exigidos pelo verbo, mas que têm a função de modificá-lo, acrescentando as circunstâncias nas quais o fato por ele expresso ocorreu à sua semântica. Têm, portanto, a função de compor o “cenário” ou a “situação” verbal.

Desse modo, a diferenciação entre complementos e adjuntos encontra-se na semântica verbal: é o verbo quem vai definir se um termo é indispensável ou não para a sua compreensão semântica. Se o termo a ser analisado é semanticamente exigido pelo verbo, ou seja, é indispensável para seu sentido, para descrever a ação ou o processo que o verbo denota, trata-se de um complemento. Mas se o termo não é exigido pelo verbo – denotando apenas um elemento do cenário, das circunstâncias, um participante não necessário para a realização da ação ou do processo denotado pelo verbo e sendo, portanto, dispensável para a composição do sentido expresso pelo verbo –, estamos

diante de um adjunto adverbial.

Optamos, portanto, pela definição da Gramática Tradicional por acharmos que ela dá conta da distinção entre complementos e adjuntos de maneira mais simples do que as demais perspectivas analisadas. Através desta definição, o fim de servir como uma proposta pedagógica, adotado por este artigo, será melhor atingido do que se decidíssemos por uma das novas abordagens sobre estas categorias.

2.3 Complementos e Adjuntos, e a Ordem Indireta

Como sugere a definição tradicional, uma característica importante que distingue complementos de adjuntos é que complementos, sendo "termos integrantes", são mais intimamente ligados ao verbo. A ordem direta dos termos do predicado é um reflexo disso: como complementos, sendo mais "íntimos", precisam ficar mais próximos do verbo, a ordem direta do predicado em português é [verbo + complementos + adjuntos].

Neste trabalho, queremos verificar se não há outras consequências desta oposição entre a "intimidade" dos complementos e a "independência" dos adjuntos. Propomos, como hipótese de trabalho, que esta oposição também se reflete no uso da ordem indireta dos termos da frase; mais especificamente, partiremos da suposição de que adjuntos adverbiais têm maior mobilidade sintática e, por isso, serão mais frequentemente deslocados para o início da frase, enquanto complementos são mais "presos" ao verbo e, por isso, serão menos frequentemente deslocados.

Nossa hipótese de trabalho aproxima-se do senso comum de todo professor de português, mas queremos torná-la explícita pois será a base de uma outra hipótese, mais importante porque de natureza funcional, que queremos estudar aqui. Esta segunda hipótese refere-se às diferentes contribuições de complementos e adjuntos para o texto: em síntese, nossa hipótese é a de que adjuntos terão uma papel mais importante na organização temática do texto que os complementos.

Sendo termos mais fixos, complementos serão tipicamente parte do predicado e, portanto, do "comentário" da frase. Se isso for verdade, ocorrerão pouco em construções como o deslocamento-à-esquerda e, conseqüentemente, raramente terão papel

determinante na organização temática do discurso – como o de sinalizar começo de parágrafo, por exemplo. Em particular, como denotam “termos da ação”, e não “circunstâncias”, não são bons elementos para “ancorar” um novo desenvolvimento temático – portanto, não são bons termos para a função do Deslocamento-à-Esquerda. Presumimos que, se deslocados para a frente da frase, isso acontecerá mais com a construção de Topicalização Contrastiva.

O raciocínio inverte-se para os adjuntos. Sendo termos mais móveis, adjuntos poderão ocorrer mais frequentemente como elementos deslocados à esquerda, por exemplo. Se este for o caso, frequentemente terão um papel importante na organização do texto – por exemplo, sinalizando início de parágrafos. E esta função será, é claro, facilitada por sua semântica: são termos que denotam “circunstâncias”, como tempo, lugar, causa, finalidade – elementos que podem “ancorar” novos desenvolvimentos temáticos. Isto é, sua semântica é própria para as funções do Deslocamento-à-Esquerda.

Em nossa análise dos usos de complementos e adjuntos, procuraremos verificar se estas hipóteses se confirmam. Antes, apresentamos algumas observações da literatura que parecem justificar nossas expectativas.

Por causa de sua "intimidade" com o verbo, pode-se imaginar que a inserção de elementos entre o verbo e seus complementos não seja um padrão corriqueiro de ordenamento. De fato, Ataliba Castilho (2010), ao resumir os resultados de alguns estudos sobre rupturas das fronteiras sintáticas no Português Brasileiro falado, diz:

O primeiro estudo [de Tarallo et al. (1990)] mostrou que em apenas 10,2% das sentenças houve ruptura no espaço entre o argumento interno [complemento] e o verbo, número que cresce quando se examina o espaço argumento externo-verbo [Sujeito-Verbo]. (p.268; interpolações nossas)

Já os adjuntos, por não serem sequer argumentos selecionados pelo verbo, tem maior mobilidade, podendo ser colocados em diversas posições na oração, sem que isso cause tanta estranheza ou ênfase. Ainda em sua descrição sobre os estudos das rupturas sintáticas, Castilho (2010, p. 268) menciona Tarallo (1993^a), que analisa o

preenchimento de “espaços interfuncionais”. Segundo este autor, esses preenchimentos são feitos predominantemente antes do sujeito, ou seja, fora do domínio do predicado; e os adjuntos representam uma categoria muito utilizada neste preenchimento de espaços, por poderem frequentemente fazer o papel de elementos discursivos ou marcadores conversacionais, além de contribuírem com informações de marcação temporal e espacial. Quanto a esta última observação, nota-se que o fato de poderem “fazer o papel de elementos discursivos” indica que temos razão em acreditar que adjuntos serão mais importantes na organização do discurso. Quanto à sua “contribuição temporal e espacial”, pode não ser óbvio o que esta teria a ver com a organização do discurso. Mas se lembrarmos, como mencionamos antes, que tempo e espaço são elementos de contextualização, veremos que este é o tipo de informação próprio para estabelecer o “cenário” de um novo segmento textual.

Portanto, a possibilidade de movimentação dos termos pode se caracterizar como um dos principais traços distintivos entre complementos e adjuntos. E, acreditamos, esta diferença tem reflexos no uso que complementos e adjuntos terão no discurso: complementos serão mais tipicamente parte do “comentário”; adjuntos, por outro lado, frequentemente serão usados em posições deslocadas - em particular, a posição inicial da frase – e terão, por isso, uma contribuição mais importante para a identificação das unidades do texto. Nosso estudo procurará verificar se estas hipóteses condizem com os fatos.

3. ESTUDO DE CASO: A ORDEM INDIRETA EM TEXTOS NARRATIVOS

Passamos agora para o levantamento feito a partir da análise de casos de deslocamento de complementos verbais e adjuntos adverbiais em narrativas. Optamos por este tipo textual por acreditarmos que ele seria o tipo que mais propicia o aparecimento de deslocamentos que buscamos: deslocamentos cuja função é sinalizar um novo momento, episódio, da narrativa. Além disso, não são textos tão complexos para abordagem do tema que estamos trabalhando em nossa proposta pedagógica.

Realmente confirmamos serem as narrativas ambientes propícios ao aparecimento de deslocamentos deste tipo ao localizarmos nossas cinquenta e cinco ocorrências em apenas dois textos, selecionados do livro didático de oitava série de Terra e Cavallete (2002) - *O Arquivo*, de Victor Giudice; e *A Terra*, de Rubem Alves. Estes textos encontram-se no anexo I deste artigo.

Trabalhamos, portanto, com uma amostragem de cinquenta e cinco ocorrências de deslocamentos, estando incluídos nesse número casos de deslocamentos apenas de complementos verbais e de adjuntos adverbiais, tanto em situações de DE como de TC. Foram ignorados casos de deslocamentos de outras categorias, como aposto, e também os casos chamados pela gramática de conjunções – como, por exemplo, *no entanto*. Foram considerados, portanto, apenas os casos em que o constituinte, em ordem direta, estaria dentro do predicado – apenas constituintes que poderiam ser classificados como complementos verbais e adjuntos adverbiais – e que foram deslocados para a posição inicial das orações em que se encontram. Assim, ignoramos também casos de deslocamento para posições intercaladas dentro da oração. Também não foi considerada a classificação dos tipos de adjuntos encontrados.

Passemos aos resultados, mas antes, no entanto, é importante lembrar as hipóteses das quais partimos para o estudo quantitativo:

- a) Presumimos que complementos têm posição mais rígida por estarem mais intimamente atrelados ao verbo;
- b) adjuntos adverbiais, por sua vez, têm liberdade de colocação sintática;
- c) observando a definição de adjuntos adverbiais a que chegamos, acreditamos que ela se aproxima da função característica de acréscimo de informações de orientação no nível textual, seja de cenário ou de sinalização do início de um novo segmento, presente no DE, o que nos faz crer que um bom número dos casos de deslocamento de adjuntos serão casos de DE;
- d) conseqüentemente, presumimos que os complementos serão encontrados em casos de deslocamento do tipo TC e aparecerão menos em casos de DE.

As duas primeiras hipóteses foram facilmente confirmadas: das cinquenta e

cinco ocorrências de deslocamento que observamos, apenas duas (3,6%) - uma em cada texto - tratavam-se de complementos verbais - no caso objetos diretos. As cinquenta e três ocorrências restantes (96,4%) eram casos de deslocamento de adjuntos adverbiais.

Já com relação aos tipos de deslocamentos encontrados, entre o total de adjuntos adverbiais, encontramos trinta e oito casos de DE (71,7%) e apenas quinze casos de TC (28,3%). A partir destes números podemos inferir que a terceira hipótese também foi confirmada: a função exercida pelo DE é, realmente, bastante próxima daquela exercida pelos adjuntos adverbiais, sendo, portanto, o tipo de deslocamento mais propício a ser combinado com a função dos adjuntos.

Para avaliarmos a validade da última hipótese, acreditamos ser necessário observar cada caso separadamente em seus contextos, mesmo porque, como mencionado acima, encontramos apenas dois casos de complementos deslocados.

O primeiro caso, encontrado no texto *O Arquivo*, trata-se de uma TC: “A boca tremeu, mas nada disse.”. Utilizando o critério formal, podemos identificá-la como um caso de TC pela ausência da vírgula. Em termos de sentido, é possível que surja dúvida, pois o objeto direto *nada* não está mudando o foco do discurso, nem está em destaque para contraste com outro elemento do texto. Nosso contra-argumento para esta dúvida seria o de que a frase invoca no leitor a impressão de que, porque *a boca tremeu*, o personagem diria alguma coisa, estando, então, o fato de ele não ter dito nada em contraste com essa ideia. O argumento é ainda reforçado pelo uso da conjunção *mas*, que vem a contribuir com a ideia de contraste, confirmando que o caso se trata de TC.

O segundo caso, que está no texto *A Terra*, tem logo à primeira vista duas características típicas de DE: vem seguido de vírgula e se encontra em posição de abertura de um novo parágrafo do texto. Vejamos o trecho em que ele se encontra: “Qar, não é preciso procurar. Ele está em todo o lugar. Mas a comida não está em todo lugar. Está no seio da mãe. É preciso procurar.”.

É inegável que este caso exerce dentro do texto a função de abertura de um novo segmento temático, retomando um elemento que está no parágrafo anterior – a respiração – e transformando-o em tema através do foco provido pelo seu deslocamento. Porém, também é inegável que o sentido do trecho propicia a argumentação de que há

uma relação de contraste entre o termo deslocado para a posição inicial *o ar* e o termo *a comida*, que aparece duas orações mais a frente no trecho. Se considerarmos ainda que há um paralelismo de construções (*não é preciso procurar* versus *é preciso procurar*; *está em todo o lugar* versus *não está em todo lugar*), a classificação deste deslocamento como DE fica ainda mais passível de dúvidas.

Portanto é difícil afirmar com certeza se entre os casos de deslocamento de complementos encontramos uma situação de TC e uma situação de DE ou se encontramos duas situações de TC e nenhuma de DE. Juntando-se ao fato de termos analisado apenas duas ocorrências de complementos deslocados, achamos por bem não confirmar nem refutar nossa última hipótese, pois não encontramos evidências suficientes para tanto. Acreditamos ser necessário um estudo quantitativo focado apenas em casos de complementos verbais deslocados, com maior número de ocorrências destes casos, para que se possa avaliar com precisão se eles acontecem realmente com maior frequência em situações de TC como imaginamos.

4. UMA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA

O roteiro de atividades que sugerimos abaixo tenta explorar os aspectos funcionais do uso dos adjuntos adverbiais, em oposição aos complementos verbais. Com isso, queremos sugerir tipos de trabalho em que o ensino de terminologia gramatical é acompanhado de reflexão sobre ela, bem como de vinculação com o trabalho com textos. Mas o texto, a nosso ver, não deve ser apenas uma fonte de exemplos para um exercício de classificação – razão pela qual procuramos vincular o estudo da terminologia gramatical tradicional com questões funcionais – neste caso, utilizando especialmente os adjuntos adverbiais em ordem indireta.

As propostas que fazemos abaixo utilizam como material o trecho inicial de um dos textos de nosso corpus, “O Arquivo”, de Victor Giudice (In: Setecentos setecentos. São Paulo: FTD, 1986. v. 2.). Como toda e qualquer atividade pedagógica, que deve ser planejada de acordo com a situação particular em que se encontra a turma a que será

aplicada, as propostas abaixo só podem ser executadas se certas condições são satisfeitas. Especificamente, imaginamos o seguinte contexto escolar para sua aplicação:

1. Trata-se de uma aula da disciplina de língua portuguesa;

2. Os alunos já trabalharam suficientemente com a análise sintática dos termos da oração, de modo que, no momento das atividades, poderiam estar estudando, como tópicos de gramática, dois pontos de análise: (a) a distinção entre complementos e adjuntos do verbo; e (b) a distinção entre ordem direta e indireta;

3. As atividades são dirigidas precisamente a este momento: os alunos estão estudando como tópico de gramática, no momento da aplicação das atividades, complementos e adjuntos do verbo;

4. Neste estudo, houve ênfase na caracterização dos complementos como os termos que se referem aos “participantes necessários da ação” – seu agente, seu paciente, etc.; e, na caracterização dos adjuntos, como os termos que denotam as “circunstâncias em que se dá a ação” (tempo, lugar, modo) ou os “participantes acessórios” (instrumento, companhia).

5. Em termos de conhecimentos acerca das estruturas e gêneros textuais, os alunos já devem estar conscientes das propriedades básicas do texto narrativo simples (isto é, de uma “história”): composto por uma sucessão temporal de acontecimentos ou ações; há “momentos importantes”, ou “episódios”.

6. As atividades abaixo ocorrem depois das atividades iniciais com o texto: leitura em silêncio, leitura oral, atividades de compreensão e interpretação iniciais.

Atividade I

1) Habilidade trabalhada: identificar complementos e adjuntos verbais

2) Objetivos visados: exercitar reconhecimento das categorias; preparar o material para as atividades posteriores, mais “funcionais”

3) Atividade (enunciado):

No trecho abaixo, extraído do texto, identifique os adjuntos e os

complementos dos verbos sublinhados:

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Atividade II

- 1) Habilidade trabalhada: identificar termos em ordem direta e indireta
- 2) Objetivos visados: exercitar reconhecimento da distinção; preparar o material para as atividades posteriores, mais “funcionais”
- 3) Pré-requisito específico: realização e correção da Atividade I
- 4) Atividade (enunciado):

Faça uma lista dos termos que você encontrou na Atividade I, conforme estejam em “ordem direta” ou em “indireta”. Marque no texto os que estão em ordem indireta (por exemplo, com marcador de texto).

Atividade III

- 1) Habilidade trabalhada: associar categorias com a distinção ordem direta/indireta; compreender e interpretar elementos importantes do texto; refletir sobre relação elementos gramaticais (“adjuntos adverbiais (de tempo)”) e “momentos” da narrativa;
- 2) Objetivos visados: induzir o aluno a perceber a correlação entre categoria sintática “adjunto adverbial” e “momento importante” de uma narrativa; exercitar uso de categorias gramaticais para identificação de aspectos importantes da estrutura do texto
- 3) Pré-requisito específico: realização e correção da Atividade II; facilitador: na discussão inicial sobre o texto, ter levado os alunos a perceber os momentos da história.
- 4) Atividade (enunciado):

Discuta com outro colega:

(a) Que tipo de termos vocês assinalaram no texto (isto é, em ordem indireta): complementos dos verbos ou adjuntos adverbiais?

(b) Qual o significado predominante destes termos: denotam o agente, o paciente, um instrumento (ou recurso), momentos no tempo?

(c) Qual poderia ser a importância de usar estes termos “em ordem indireta” na frente da frase? Você vê alguma relação entre este uso e a organização da história?

Atividade IV

- 1) Habilidade trabalhada: associar categorias com aspectos estruturais do texto; refletir sobre relação entre “estrutura semântica” do texto (narrativa composta “momentos importantes”) e estrutura “gráfica” do texto, expressa pelos *parágrafos*; refletir sobre as funções do parágrafo e trabalhar com elas;
- 2) Objetivos visados: induzir o aluno a perceber a correlação entre “momentos da narrativa” e estrutura “gráfica” do texto – expressa pelos parágrafos; reforçar e exercitar

as noções de “narrativa como sucessão organizada (em “momentos” importantes) de ações” e de “parágrafo”; induzir o aluno a perceber a relação entre “deslocamento de adjuntos adverbiais” e “unidade importante do texto”, como a expressa pelos parágrafos.

3) Pré-requisito específico: realização e correção da Atividade III

4) Atividade (enunciado):

Faça com seu colega:

(a) Como vimos, o texto se organiza em três “momentos importantes”: acontecimentos em torno da “primeira recompensa”; “benefícios” desta “recompensa”; e acontecimentos em torno da “segunda recompensa”. Faça uma “caixa” em torno de cada um dos “pedaços” do texto que correspondem a estes momentos.

(b) Reorganize o texto transformando cada um dos “pedaços” assinalados em um único parágrafo.

(c) Discuta com seu colega: Que expressão inicia cada um dos parágrafos que vocês construíram? Qual a importância desta expressão? Qual a relação que você vê entre esta importância e a função sintática desta expressão?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira seção de nosso artigo, avaliamos as principais características das ordens direta e indireta de organização das sentenças e sua influência na distribuição das informações. Também foi feita a distinção entre dois tipos comuns de deslocamentos de complementos e adjuntos, o Deslocamento-à-esquerda e a Topicalização Contrastiva, e suas influências na organização textual e na progressão e/ou manutenção temática.

No segundo capítulo, procuramos as definições de complemento verbal e de adjunto adverbial que melhor se enquadrariam em nossa análise, tendo em vista o

objetivo pedagógico por nós adotado. Para tanto, elencamos alguns olhares sobre a distinção entre estas funções gramaticais, passando pelos estudos de Pinto (2007) e de Cançado (2010), além de apontar o que dizem as gramáticas de Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Castilho (2010).

Finalmente, optamos por adotar a perspectiva da Gramática Tradicional, mencionando como fonte a *Gramática Normativa* de Rocha Lima (1985). Para nós, assim como para o autor, complementos são termos integrantes da oração, sendo necessários para completar o sentido do predicado verbal. Já os adjuntos são termos acessórios da oração, sendo dispensáveis para o entendimento do fato expresso pelo verbo, apenas modificando-o a fim de contribuir com informações circunstanciais que compõem o “cenário” que envolve a semântica verbal.

Na seção seguinte, expusemos nossas hipóteses sobre a relação entre as funções de complementos e adjuntos e o uso da ordem indireta. Previmos que encontraríamos maior número de adjuntos deslocados do que complementos, pois os primeiros apresentam maior mobilidade na frase por não terem relação tão forte com o verbo quanto os complementos. Também imaginamos que encontraríamos maior número de adjuntos em casos de Deslocamento-à-esquerda, enquanto que os complementos seriam mais encontrados em situações de Topicalização Contrastiva.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na busca de ocorrências de complementos verbais e adjuntos adverbiais em deslocamento para a posição inicial das orações, bem como os resultados encontrados em nosso levantamento. Concluímos, com o estudo quantitativo, que de nossas quatro hipóteses poderíamos confirmar as três primeiras. O número de adjuntos em deslocamento foi realmente maior que o número de complementos deslocados e uma parte significativa destes adjuntos encontrava-se em construções com Deslocamento-à-esquerda. Já nossa última hipótese, que entre os complementos deslocados encontraríamos mais casos de Topicalização Contrastiva, não pode ser confirmada devido à falta de evidências para sua comprovação, necessitando de estudos posteriores.

Por fim, no último capítulo apresentamos uma proposta de abordagem pedagógica para turmas de sétima série do Ensino Fundamental, pensando na prática de ensino destas funções gramaticais em aulas Língua Portuguesa. Esta proposta baseou-se

nos resultados que observamos em nossa pesquisa e na perspectiva que adotamos neste artigo.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANÇADO, Márcia. *Argumentos: complementos e adjuntos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CASTILHO, Ataliba. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

KOCH, Ingedore V. *A coesão textual*. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Fabiana. *Para que um sujeito aprende um objeto? Uma abordagem sintático-textual dos complementos verbais preposicionados*. Rio de Janeiro, 2007. 229 p. Dissertação. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

ROISENBERG, Gabriel. *Estruturas Marcadas no Português*. Porto Alegre, 2007. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TERRA, Ernani.; CAVALLETE, Floriania. *Português Para Todos: 8ª série*. São Paulo: Scipione, 2002.

ANEXO 1

O Arquivo

(GIUDICE, Victor. In: Setecentos setecentos. São Paulo: FTD, 1986. v. 2)

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em

seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. **Com o salário reduzido**, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora, João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. **Em compensação**, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, **nos quatro anos seguintes**, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado:

- Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

- Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

- **Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado**, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

- **De hoje em diante**, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. **Finalmente**, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. **Uma vez ou outra**, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

- Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

- Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

- Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá que pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

A Terra

(Rubem Alves.)

[...]

A criancinha, durante o tempo em que está na barriga da mãe, não tem que fazer nada para viver. Não precisa respirar. Não precisa comer. A mãe faz tudo por ela. Mas é só ela sair da barriga da mãe para ela ter que fazer coisas para viver. A primeira coisa que a criança faz ao nascer é respirar. A primeira respiração é o início da vida em que ela terá que fazer coisas para sobreviver.

Se não respirar, morre. Mas, depois de respirar, a primeira coisa a ser feita para não morrer é comer. Não é preciso ensinar o corpo que é preciso respirar. Ele já nasce sabendo. Não é preciso ensinar o corpo que é preciso comer. Ele já nasce sabendo. Prova disso é a boquinha da criança mamando o vazio, mesmo antes de ter sido apresentada ao seio da mãe.

O ar, não é preciso procurar. Ele está em todo o lugar. Mas a comida não está em todo lugar. Está no seio da mãe. É preciso procurar. Vocês já viram aquelas ninhadas de cachorrinhos recém-nascidos se arrastando, empurrando, lutando para chegar até as tetas da mãe? Por vezes há mais cachorrinhos que tetas e, se não houver quem ajude, os mais fracos morrem de fome. As criancinhas, mais incompetentes que os cachorrinhos, são incapazes de procurar o seio. É preciso que a mãe as ajude.

O leite das mães acaba. Mas a fome não acaba. É preciso, então, encontrar um substituto para o seio. Os bichos e os homens vão então procurar comida na natureza. A natureza é o grande seio de onde tiramos comida.

A fome é a necessidade fundamental que nos move. Vocês não se dão conta disso porque a geladeira está sempre cheia. Se a geladeira estivesse vazia e não houvesse o que comer vocês compreenderiam. A fome dói muito. Os nossos antepassados pré-históricos saíam pelos campos e florestas procurando frutas, ervas e raízes que servissem para comer. Mas como saber o que é bom para comer? Raízes, há milhares de variedades. Como foi que chegaram a descobrir aquelas que eram boas para comer? É possível que tenham tido enormes indigestões e cólicas, chegando mesmo a

morrer, ao experimentar raízes venenosas, como é o caso da mandioca.

Era uma felicidade quando, de repente, descobriam o ninho de alguma ave, cheio de ovos! Ou uma colmeia de abelhas, cheia de mel. Era uma festa! Caçar era mais complicado porque os animais não ficam parados como as frutas e as raízes. Eles não são bobos. Não querem virar comida. Eles também querem viver! Era preciso correr atrás deles. Mas os animais são rápidos e os homens são lerdos. E os pássaros, que voam? A inteligência teve de trabalhar para inventar a arte de atirar pedras, de construir arcos e flechas, de armar armadilhas, arapucas, anzóis, redes.

Quando eu era menino, eu gostava de fazer arapucas e pegar passarinhos. Não era por maldade. **Naquele tempo** era preciso. Armando uma arapuca e pegando passarinho eu me sentia – sem saber – como um caçador pré-histórico ou um índiozinho que consegue flechar seu primeiro pássaro. Com que orgulho ele devia mostrar o seu feito aos seus pais! Estava ficando grande! Estava se tornando capaz de encontrar alimento.

Mas era uma canseira! Acordar, todo dia, sem saber o que vai comer! “Será que vamos encontrar frutas? Será que vamos encontrar ovos? Será que vamos caçar alguma coisa?” **Aí** os nossos antepassados perceberam que seria mais fácil ter os bichos presos num cercado e as plantas crescendo num lugar próximo. **Assim** iniciou-se a domesticação dos animais e a agricultura.

Quem vive de caçar e de colher frutos não pode ficar num mesmo lugar. Tem de ir andando por onde estão as frutas e por onde andam os animais. **Assim**, não podiam ter casas fixas. Andavam com suas casas nas costas, feito caramujos. Viviam em tendas. **Tendo as plantas e os animais num lugar fechado** eles podiam construir casas fixas.

Você acorda de manhã. Está com fome. O que é que você faz? É fácil. Vai à geladeira. Está tudo lá dentro. A geladeira é um maravilhoso substituto para o seio da mãe. É o seio da casa! É só abrir a porta e comer. Falta alguma coisa? É só ir no supermercado, grande seio da cidade. **Lá** tem de tudo. Não é preciso plantar, colher, caçar. Frutas, legumes, ovos, mel, leite, pão, chocolate, manteiga, presunto, mortadela, azeitona, macarrão, linguiças, carnes, bebidas: está tudo lá. E não só as coisas necessárias para matar a fome. Muitas coisas que comemos sem precisar, sem estar com fome, só por prazer.

O prazer de comer é um perigo. **Por causa dele** muitas pessoas comem demais e vocês sabem o resultado... Compramos se tivermos dinheiro. Supermercado e geladeira não são seios de mãe. Seio de mãe é gratuito. Geladeiras e supermercados não são. Só come quem pagar... **Por isso** há muitas pessoas que têm fome – que chegam a morrer de fome (enquanto outros ficam obesos de comer aquilo de que não precisam...).

Lá, no lugar onde vivi, não havia nem geladeira e nem supermercados. Não havia seios prontos. **Se a gente quisesse comer** tinha de ir atrás da comida, tinha de construir o seio: fazer uma horta, plantar, criar galinhas, patos, perus, porcos, cabritos, bois... **Assim, quando se fazia a pergunta “o que vamos comer?”** não havia geladeira para ser aberta. A gente tinha de perguntar: o que é que há na terra? Claro: só havia na terra aquilo que havia sido plantado. Feito a fábula da cigarra e da formiga: quem não plantou vai ficar com fome.

A coisa mais importante era a terra. A terra é o seio do mundo. Não é em qualquer terra que as plantas crescem. Era preciso procurar a terra boa. O pessoal que vivia no campo só de olhar para os matos que crescem naturalmente, sem ser plantados, sabia se a terra era boa ou não. **Quando a terra era boa** eles diziam e ainda dizem, com prazer: “Terra gorda!” Terra que tem muita vida para dar.

Na cidade as pessoas passaram a ter medo da terra, a achar que terra é sujeira.

Essa é a razão porque, **em muitas casas**, os jardins são substituídos por lajotas. Deixam só um buraco bem pequeno no meio, onde plantam um arbusto solitário e triste. A terra mesmo, com sua vida, fica debaixo das lajes que estão sempre limpas... Mas terra não é sujeira. Terra é vida. É na terra que a vida cresce. **Na próxima vez que você for ao supermercado**, preste atenção: tudo o que está lá veio da terra. Garrafas de vinho?

Veja as parreiras carregadas de uvas! Pão? Veja os campos cobertos de trigo! Carne? Veja os animais pastando! Iogurte? Vem do leite que vem da vaca que come capim... Macarrão? Vem da farinha que vem do trigo que cresce nos campos... Ovos? Vêm das aves que comem milho que cresce da terra.

Por isso, por compreender que toda vida vem da terra, os homens de há muitos séculos atrás perceberam que ela é sagrada. **Sem terra** não há vida. Terra, grande mãe, fonte de vida! E houve mesmo religiões que, **por ocasião do plantio da terra**, faziam grandes celebrações nos campos que terminavam em orgias sexuais.

Pois plantar não é um ato sexual? Faz-se um buraco na terra e, **dentro desse buraco**, coloca-se uma semente. Assim, **durante a sementeira**, os casais faziam amor no meio do campo – na esperança de que a terra compreendesse que era isso que estava sendo feito com ela: um ato de amor. Esperando que, **desse ato de amor**, nascesse a vida!

Legenda:

Adjuntos Adverbiais em casos de Deslocamento-à-esquerda

Adjuntos Adverbiais em casos de Topicalização Contrastiva

Complementos Verbais deslocados